



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
CAMPUS BINACIONAL OIAPOQUE
CURSO LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – CLII
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC**



**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS KARIPUNA COMO ELEMENTO DE
PATRIMÔNIO PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA ALDEIA
MANGA**

***MÊMUA I IXTUA-IELA DJI KARIPUN KOM ELEMÊT DJI MATEHIAL PU EDUKASIÕ LÉKOL
DJI ÊDJÊ LA KUMUNITE DJI MANG***

Dalson dos Santos
Acadêmico das Ciências Humanas

Profa. Dra. Carina Santos de Almeida
Orientadora

Oiapoque, fevereiro de 2019.

Resumo

Este trabalho discutiu as memórias e as histórias do povo Karipuna como elemento do patrimônio cultural para a Educação Escolar Indígena na Aldeia Manga. Assim, visou contribuir para o debate sobre o significado das memórias e histórias sobre a constituição da Aldeia Manga e o papel da escola no fortalecimento do patrimônio cultural do povo Karipuna que vive na Terra Indígena Uaçá, região norte no Estado do Amapá, município de Oiapoque. Para tanto, trouxe memórias compartilhadas por personalidades da Aldeia Manga para reflexão sobre os desafios e perspectivas das ações da escola e da comunidade na manutenção da cultura.

Considerações iniciais da pesquisa

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresenta relatos de memória e história Karipuna sobre a constituição da Aldeia Manga, Terra Indígena Uaçá (AP), como elementos históricos da promoção do patrimônio imaterial do povo. A Aldeia Manga surgiu do deslocamento de famílias Karipuna que viviam ao longo do Rio Curipi e que, por diversos motivos, passaram a buscar um novo lugar para morar. O povo Karipuna faz parte do contexto indígena da região de Oiapoque e, nesse aspecto, a educação através da escola indígena específica e diferenciada pode ser um espaço importante dedicado à manutenção do patrimônio histórico, material e imaterial do povo, capaz de contribuir para o fortalecimento do modo de vida Karipuna na Aldeia Manga.

Durante nossas reuniões, encontros de professores, Assembleias e mesmo em nossos estudos que realizamos na universidade, no curso de Licenciatura Intercultural Indígena (UNIFAP), costumamos nos indagar sobre a nossa história e os elementos de memória que narram o nosso passado, como por exemplo: Quando e quais foram os motivos que explicam a vinda dos primeiros moradores no lugar hoje denominado Aldeia Manga? Como a escola na Aldeia Manga contribui para a revitalização de nossa história? E mais, será que os professores percebem a importância destas questões nos dias atuais, seja em sua atuação na escola ou na comunidade (Aldeia Manga)? Enfim, são questões significativas tanto para o nosso fortalecimento enquanto povo quanto para a manutenção do patrimônio histórico em nossa comunidade e escola.

Para compreender o contexto histórico de constituição da Aldeia Manga e ao mesmo tempo registrar e documentar narrativas de história e memória sobre esse processo de deslocamento procurei conversar com personalidades singulares que vivem e circulam pela Aldeia Manga. Fiz uma breve pesquisa bibliográfica sobre a temática e realizei entrevistas com algumas pessoas, como o senhor Manoel Antônio dos Santos, que exerceu por longo tempo a função de catequista na Aldeia Manga, um apoiador do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que chegou a ser conselheiro do cacique. Também conversei com o senhor Francisco Jason Leal de Freitas, antigo enfermeiro da Aldeia Manga, atualmente aposentado e, ainda, dona Constância Monteiro dos Santos, uma das primeiras moradoras da Aldeia Manga, filha do fundador da Aldeia, senhor Florêncio dos Santos.

Sou Dalson dos Santos, nasci no dia 09 de fevereiro de 1985, moro na Aldeia Manga e pertencço a etnia Karipuna. Em 2004, ao finalizar meu Ensino Médio, tive a oportunidade de participar de um curso complementar para formação de professores indígenas na Aldeia Manga. No ano seguinte, em 2005, alguns professores começaram a ser contratados, assim, em 2006 tive a oportunidade de exercer minha função de professor na Escola Indígena Estadual São Raimundo na Aldeia Piquiá, km 40 da BR156, através de contrato administrativo do Governo do Estado do Amapá. Nesse mesmo ano ocorreu o concurso público para professor indígena em que fui aprovado. Assim, trabalhei dois anos na Aldeia Piquiá e em 2008 fui transferido para a Escola Indígena Estadual João Amâncio na Aldeia Japiim, no Rio Curipi. Nesta última escola trabalhei cinco anos, de 2008 a 2012, e voltei para minha Aldeia em 2013 para trabalhar na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, na qual estou até hoje.

Iniciei o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII) em 2008, na segunda turma de ingresso. Enquanto professor indígena fiz esse curso para adquirir mais conhecimentos, tinha o objetivo de alcançar novos estudos, pois já estava trabalhando como professor e poder cursar uma graduação seria muito importante para meu conhecimento enquanto docente e membro da comunidade.

Sou filho de Cipriano dos Santos e Deize Maria dos Santos, não sou casado nos termos da lei, mas vivo em união estável com Cássima Anicá há 13 anos e tenho 6 filhos.

Nasci e cresci na Aldeia Manga, estudei na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá desde a educação infantil até o terceiro ano do Ensino Médio, fiz a complementação pedagógica de formação de professores pelo Instituto Leonardo Da Vinci na minha própria aldeia e escola de origem. Em seguida, participei do vestibular para cursar a Licenciatura Intercultural Indígena na UNIFAP de 2008 a 2012. Minha função hoje na comunidade é de professor e no dia 08 de julho de 2018 assumi como vice cacique da Aldeia Manga, além de ser também vice tesoureiro da Organização dos Professores Indígenas do Município de Oiapoque (OPIMO).

Desejei ser professor para ajudar a minha comunidade a progredir e a melhorar na Educação Escolar Indígena. Meus motivos são mostrar para a sociedade não indígena que eu, como um indígena Karipuna, tenho capacidade de educar nossos alunos e mostrar que somos capazes de promover uma educação autônoma em minha Aldeia. Estudar é muito bom porque assim adquirimos vários conhecimentos que nos ajudam a defender os nossos direitos frente a sociedade em que vivemos. É através da Educação Escolar Indígena que iremos construir uma educação de qualidade, que seja, específica e diferenciada dos não indígenas, voltada para cada povo, respeitando a nossa diversidade. O CLII representa um espaço significativo para meu povo, deste curso universitário surgem novos formadores de ideias que vão contribuir de forma qualificada para defender os direitos dos povos indígenas através da educação escolar em nossas aldeias.

A Aldeia Manga está inserida na Terra Indígena Uaçá, município de Oiapoque, especificamente na margem esquerda do Rio Curipi. Consiste na maior Aldeia dos Karipuna e a mais próxima da cidade de Oiapoque, cerca de 24 km. Por sinal, é através da Aldeia Manga que passa a maioria da produção alimentar comercializada na cidade de Oiapoque e na cidade de Saint George, Guiana Francesa. Nossa Aldeia tem um porto de embarque e desembarque que é referência dos povos indígenas de Oiapoque, os produtos alimentares como farinha, banana, coco, cana de açúcar, tucupi, maracujá, inajá, açaí e outros obrigatoriamente passam por esse porto. Todos os povos indígenas da Terra Indígena Uaçá, sejam Galibi Marworno, Palikur e Karipuna, aportam com seus produtos em nossa Aldeia e frequentemente circulam por ela.

Figura 1: Localização Geográfica do Estado do Amapá na América do Sul e Brasil e das Terras Indígenas nesse cenário



Fonte: Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena – IEPÉ. Disponível em: <http://www.institutoiepe.org.br>. Acesso em: dezembro de 2018.

A Terra Indígena Uaçá está localizada no norte do Estado do Amapá, situada à leste do município do Oiapoque, conforme Figura 1. Habitam nessa TI as etnias Karipuna, Galibi Marworno e Palikur (GALLOIS, 2009, pg. 27).

Atualmente, a Aldeia Manga é composta pelas lideranças Cacique José Elito dos Santos, eu na condição de Vice Cacique e ainda 24 conselheiros, como Valdemar dos Santos, Zito dos Santos Forte, Fernando Anicá, Railei Batista dos Santos, Rosinaldo Santos Silva, Maxwuara dos Santos Cardoso, Zildo dos Santos, José Garcia Santana, Edileuza dos Santos, Maria Sônia Aniká, Gesilene Pimentel Forte, Argel dos Santos Alves, Alexandre dos Santos Alves, Edivaldo dos Santos, Magner dos Santos, Vagner dos Santos, Graciliano dos Santos, Kleber Quaresma Aniká, Jessica Silva, Clemilda dos Santos Felipe, Diemison Sfair, Ivanildo dos Santos, Rosilene Sousa e Leandra Ramos Oliveira, todos membros da

comunidade. A população é de aproximadamente 1.300 habitantes, onde vivem não somente membros do povo Karipuna, mas também dos Galibi Marworno e dos Palikur.

1. Memórias e histórias sobre a constituição da Aldeia Manga

O povo indígena Karipuna vive na região de Oiapoque, ao norte do Estado do Amapá, na fronteira entre Brasil e Guiana Francesa. Um grande número de Karipuna vive na Terra Indígena Uaçá, em suas principais e maiores aldeias: Aldeia Manga, Aldeia Santa Isabel, Aldeia Espírito Santo e Aldeia Açaizal, além de residirem com pequenos grupos familiares em algumas aldeias menores ao longo do rio Curipi. Também vivem em cinco aldeias localizadas nas margens da Rodovia BR 156, Aldeia Piquiá (Km 40), Aldeia Curipi (Km 50), Aldeia Cariá (Km 60), Aldeia Ahumã (Km 68) e Aldeia Estrela (Km 70). Os Karipuna também vivem na Terra Indígena Juminã, em suas duas Aldeias, Kunanã e Uahá e, em menor quantidade, na Terra Indígena Galibi, nas Aldeias Ariramba e São José dos Galibi, terras indígenas que tem como referência o Rio Oiapoque.

Atualmente a população Karipuna ultrapassa 3.225 pessoas (FUNAI – Oiapoque 2010), sendo falante da língua Kheuól e, também, do português que comumente é falado com maior frequência entre os mais jovens.

A antropóloga Antonella Tassinari (2003) explica que, segundo Curt Nimuendaju, os Karipuna do Curipi foram formados culturalmente pelo envolvimento de distintos grupos, dentre eles por migrantes provenientes do Estado Pará, em fins do século XIX, por duas famílias de refugiados “cabanos”¹ e, por algumas famílias naturais da costa paraense migradas no início do século XX. Esses migrantes constituíram na região de Oiapoque, juntamente com outros grupos étnicos regionais – indígenas e não indígenas –, os antepassados dos atuais Karipuna. Dessa forma, esclarece Tassinari que Nimuendajú em 1925 se referiu a este complexo grupo como os “brasileiros indianizados do Curipi”.

¹ A “Cabanagem” ocorreu na então “província” do Grão-Pará, entre os anos de 1835 a 1840. Os “cabanos” eram, em sua maioria, índios e mamelucos que promoveram uma revolta devido a exploração a que estavam sendo submetidos pelos não indígenas.

A língua falada por parte dos antigos povos que dão origem aos Karipuna era o Nheengatu, conhecida como a língua geral, promovida nos aldeamentos das missões jesuíticas na Amazônia, mas uma boa parcela também usava o português para se comunicar. Entretanto, estas duas línguas foram substituídas, num período de duas ou três gerações, por uma língua que adotaram como língua materna, denominada “patoá” ou Kheuól, de origem francesa. O contato estabelecido pelos Karipuna e outros indígenas da região com os “crioulos” da Guiana Francesa possibilitou que paulatinamente substituíssem a língua geral pelo Kheuól (RICARDO, 1983, p.63).

Conforme explicam Gallois e Ricardo (1983), por volta de 1930 os Karipuna fixaram moradia em uma única aldeia, hoje denominada Espírito Santo, formada pelas famílias do senhor João Teodoro Forte, em torno de uma Capela construída pelos missionários em fins do século XIX, vindo, em seguida, outras famílias a construir suas casas.

Por volta de 1940 o senhor “Coco”, chamado Manuel Primo dos Santos, morador da Aldeia Espírito Santo, construiu uma grande casa em uma ilha próxima a atual aldeia Espírito Santo e ali estabeleceu o seu comércio, fundando a Aldeia Santa Isabel. A busca por trabalho e novos espaços para suas roças levou muitas famílias a mudarem-se para a nova aldeia, que cresceu rapidamente. A população foi aumentando e com isso paulatinamente as roças foram ficando cada vez mais distante, sendo que as famílias “subiam” o rio a procura de terras férteis para o plantio da mandioca e derivados, além das frutas regionais, alimentos que eram e são a base de alimentação do povo Karipuna.

1.1 A Aldeia Manga

Segundo relatos de parentes e antigos moradores, a Aldeia Manga foi fundada no ano de 1973 pelo senhor Florêncio, acompanhado de sua esposa, filhos e genros. O motivo que os levou a chegar e fixar moradia neste local foram às buscas constantes por áreas de terra firme e produtivas que serviriam para a abertura de novas roças. Essas informações foram confirmadas pela senhora Constância, filha do senhor Florêncio, quem me relatou que no local da antiga roça da família, nas proximidades da Aldeia Santa Isabel, haviam

muitas formigas, um dos motivos que os fizeram sair do lugar. Então, primeiramente construíram um kahbe² numa ilha próxima a atual aldeia porque precisavam passar a noite no local, já que a aldeia onde moravam ficava distante. Em seguida construíram o kahbe em outro lado, fundando assim a Aldeia Manga.

Até então outras famílias já haviam habitado este lugar. Chamavam na época de “Bebém”, em referência a uma árvore com este nome que existia na época ou, também, chamavam de “Bambuzal”, devido a uma grande árvore composta por troncos de bambu que havia – árvore ainda presente no porto do Manga. Todos estes lugares posteriormente foram abarcados pela fundação e consolidação da Aldeia Manga (TASSINARI, 2003).

Figura 2: Dona Constância, ao centro, acompanhado dos filhos e família e do doutor João Paulo, em 1972/1973



Fonte: Dionísio dos Santos, de 1972.

² Kahbe: pequena casa construída em madeira sem paredes, coberta com palhas de buçu, atualmente também utilizam telhas industrializadas para a cobertura.

Na Figura 2, apresento a fotografia em que aparece dona Davina Monteiro, esposa do senhor Florêncio, acompanhada dos filhos e um médico não indígena, amigo da família, que tinha vindo de São Paulo. Pude conversar com Dona Constância que aparece nesta fotografia – uma das filhas do casal fundador da Aldeia Manga – em janeiro de 2019. Sobre a Figura 2, perguntei-lhe também quem era esse médico que aparece na foto, contudo, ela não soube me responder, disse apenas que não recordava direito, mas, que tinha uma certeza: “[...] somos a primeira família a residir e a fundar a Aldeia Manga por volta de 1973”.

Com a abertura da Rodovia Federal BR 156 nas proximidades da nova Aldeia Manga, as pessoas paulatinamente passaram a frequentar, a pé, o caminho que interligava o Manga às margens desta Rodovia. Nestes primeiros tempos de ligação, com o fluxo de circulação se intensificando, surgiu o interesse por parte das comunidades Karipuna do Curipi e suas lideranças – Henrique dos Santos e senhor Côco – para abrir efetivamente um ramal que facilitasse o deslocamento de pessoas até a cidade de Oiapoque e, por conseguinte, o escoamento e o transporte de produtos a serem comercializados. Até então a rota dos Karipuna até a cidade de Oiapoque era distante, passavam por campos alagados, descendo o Rio Curipi na bacia hidrográfica do Rio Uaçá e alcançavam a embocadura do Rio Oiapoque no Oceano Atlântico, vindo a subir o mesmo Rio Oiapoque até chegar na cidade de Oiapoque. Essa rota fluvial era deverás demorada, sendo o transporte feito através de grandes canoas à remo. Posteriormente, conseguiu-se um caminhão da prefeitura que passou a levar as pessoas da BR 156 até a cidade de Oiapoque, para que pudessem comercializar frutas típicas do local, bem como a farinha e os derivados da mandioca que produziam e ainda hoje produzem.

Devido ao processo de abertura do ramal, houve uma grande migração de famílias Karipuna para a Aldeia Manga, provocando uma diminuição da população na Aldeia Santa Isabel e, conseqüentemente, declínio do comércio de seu Coco. Com esses acontecimentos, notou-se um crescimento muito rápido da Aldeia Manga, provocando a necessidade de instituir uma liderança para organizar o lugar e a comunidade, sendo que o escolhido foi o senhor Henrique dos Santos, primeiro cacique do local. Ele era filho de José Policarpo e dona Maria Noêmia dos Santos, que moravam na ilha chamada Txipidô – nome de um

velho crioulo (de origem negra) chamado Txipidô, que morou no local – situada ao lado da Aldeia Santa Izabel.

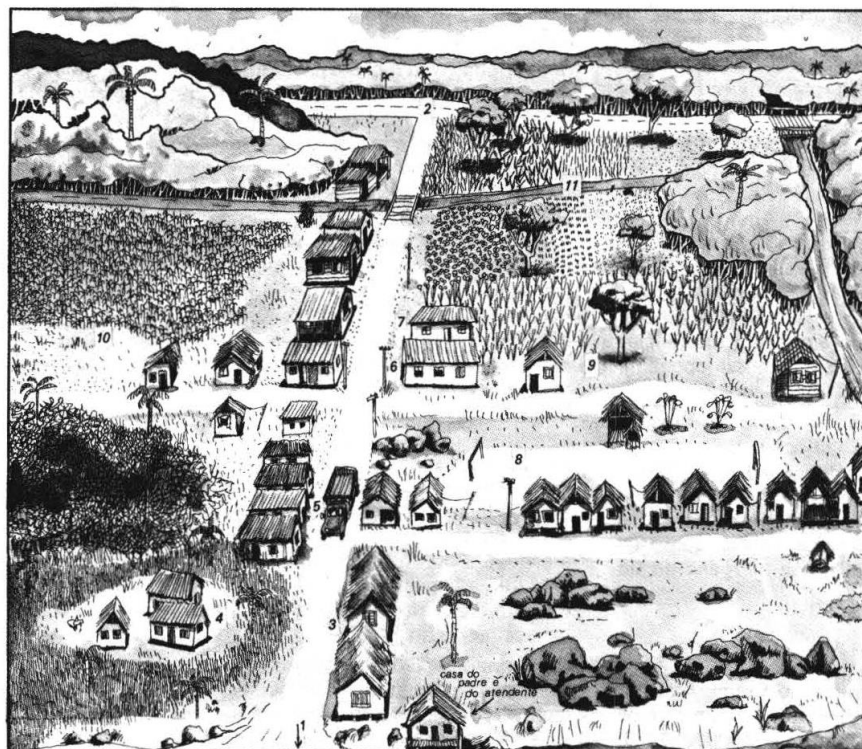
A estrutura inicial da nova aldeia era constituída por casas de madeira cobertas por palhas, uma Igreja católica que foi construída com ajuda do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e participação dos moradores, que se uniram em mutirão. Além da Igreja, a comunidade construiu uma grande casa para abrigar o Centro Comunitário, que iria servir como lugar para reuniões, festas, velórios e outros acontecimentos.

Segundo Nara Aniká, o não indígena Francisco Jason Leal de Freitas³, que possui atualmente 78 anos de idade e nasceu em Belém do Pará no dia 03 de dezembro de 1940, informou que chegou na região do Rio Curipi no ano de 1948. Contou-lhe que havia aprendido “enfermagem” com seu tio, para poder ajudar as pessoas e, que construiu uma casa na aldeia para sua moradia. Contudo, esse mesmo lugar depois serviu para atender as pessoas doentes. Explicou que, por não haver assistência médica, os doentes eram tratados com remédios caseiros e, algumas vezes, também com remédios que compravam na cidade de Oiapoque.

Segundo Ricardo (1973, p. 77), nos anos 1970 a FUNAI implantou uma sede do Posto Indígena Uaçá na “vila de Santa Isabel”. A 2ª Delegacia Regional da FUNAI alterou em 1982 o nome deste posto que atendia aos Karipuna para Posto Indígena Curipi e, em seguida, transferiu o mesmo para a “vila do Manga”. Consequentemente foi construída uma sede na própria aldeia, uma enfermaria, uma casa do motor de luz, uma lancha com motor de popa. A Figura 3 apresenta um esboço dessa estrutura naquele tempo.

³ Primeiro atendente de enfermagem na Aldeia Manga na área da saúde.

Figura 3: Desenho da organização social do povo Karipuna na Aldeia Manga em 1981



Aldeia Manga em 1981.

1. Rio Curipi
2. Ramal do Manga
3. Escola
4. Casulo
5. Cooperativa
6. Enfermaria
7. PI FUNAI
8. Campo de Futebol
9. Roça Comunitária
10. Roças de milho
11. Roças

Fonte: Ricardo, 1983, p. 64.

Registrar as memórias e histórias sobre a constituição da Aldeia Manga é fundamental para a manutenção da cultura do povo e contribuiu para a compreensão sobre os processos de reordenamento territorial. A medida que nós indígenas registramos as trajetórias vivenciadas, possibilitamos que o conhecimento ou a educação possam ser vistos numa perspectiva interdisciplinar e intercultural, com vistas a estabelecer relação entre o conhecido e o desconhecido, daí a importância de trazer para a escola momentos vividos pela comunidade, como o caso dos mutirões, trabalhos comunitários, experiências de vida compartilhada por todos, professores e alunos. Essas histórias e memórias, que representam parte de nosso patrimônio cultural, devem ser registradas e reconhecidas no processo educacional, garantindo a revitalização de nossa identidade e o protagonismo indígena na história.

2. O papel da escola no fortalecimento do patrimônio cultural

Atualmente, na comunidade do Manga a maioria das famílias tem acesso as novas tecnologias, como por exemplo a televisão e a internet, em função da distribuição de energia elétrica ser de 24 horas. Esse acesso influencia na forma de agir e de pensar das pessoas. Esse processo de absorver novos conhecimentos, inclusive culturais, muitas vezes é responsável por mudanças relevantes que a comunidade enfrenta. Assim, cabe a nós como educadores o papel de revitalizar e incentivar a nossa cultura, através da educação indígena e da Educação Escolar Indígena, para que o aluno não esqueça suas origens.

A instituição escolar – “escola” –, querendo ou não se tornou a principal responsável em promover atividades culturais que envolvam aos alunos e toda a comunidade. É quase impossível haver um acontecimento sem que não haja a participação da escola. Um exemplo importante são as comemorações da “Semana do Dia do Índio”, que ocorrem todos os anos. A princípio é a comunidade quem fica responsável por promover o “Turé” dos mais velhos, contudo, esta festa e ritual acaba sendo representada por alunos da escola devido o envolvimento da mesma com a comunidade. Muitas vezes ocorre certa falta de apoio dos pais e responsáveis para a promoção dos eventos, possibilitando que a escola assuma esse papel de principal motivadora da cultura enquanto patrimônio da comunidade. Para muitos membros da Aldeia, a presença dos alunos em nossos eventos já é o suficiente, no entanto eles esquecem que fazem parte da comunidade, assim, a escola atua para conscientizar e fortalecer os vínculos culturais.

A Figura 4 mostra exatamente uma das festas-rituais mais importantes do povo Karipuna, realizada na Semana Cultural do Dia do Índio. Nesse momento singular e representativo, costumamos – comunidade, pais, alunos e professores – festejar e dançar coletiva e alegremente. Ao fazer “o Turé”, símbolo de nossas tradições, demostramos a presença dos espíritos, Karuãnas, entre nós.

Figura 4: Comemoração da “Semana do Dia do Índio” na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, em 19 de abril de 2018



Foto: Dalson dos Santos, 2018.

Vejo que é preciso haver um consenso entre pais, escola e comunidade (Aldeia Manga), para que resultados positivos sejam alcançados neste fortalecimento comunitário. Destaco de minhas memórias, a fala do cacique do Manga, senhor Luciano dos Santos, em uma reunião realizada há alguns anos atrás na escola:

Eu como indígena, influencio minha neta a falar o Kheuol, porque é patrimônio material na nossa comunidade, a escola precisa do apoio da comunidade, então não podemos deixar somente para a escola essa responsabilidade, vamos acordar, senão vamos perder completamente nosso patrimônio mais valioso que temos e faz parte da nossa cultura.

Não se pode pensar em separar a escola da comunidade, pois as atividades que abarcam esta importante instituição educacional, também envolvem a comunidade.

2.1 Desafios e perspectivas do patrimônio cultural nos dias atuais

Compreendo enquanto indígena, professor e liderança que devemos valorizar, incentivar e revitalizar o patrimônio cultural do nosso povo. Acredito que, como professor pesquisador, se faz é necessário fazermos novas pesquisas sobre esse patrimônio tão importante e significativo para todos nós, seja ele de cultura, material ou imaterial. Outrossim, necessitamos também de promoção de cursos de formação sobre questões que nos interessam (passado e presente). Comumente, temos o apoio de antropólogos, pesquisadores e professores do Curso da Licenciatura Intercultura Indígena (UNIFAP) que incentivam estudos, pesquisas e a manutenção do patrimônio cultural. Percebo que um de nossos maiores desafios da atualidade na promoção da cultura indígena se traduz em conduzir a Educação Escolar Indígena em nossa aldeia à fortalecer nosso patrimônio.

Nós professores indígenas devemos nos empenhar para buscar conhecimentos, promover pesquisar e, ao mesmo tempo, abandonar o lugar da acomodação, porque o resultado de nosso engajamento no processo de revitalização do patrimônio cultural permeia a nossa própria atuação enquanto professor pesquisador indígena.

A atuação em nossa comunidade não tem data para finalizar, se traduz em protagonismo contínuo, vigilante e permanente. A cada dia que passa surgem novas mudanças em nossa comunidade, sejam elas positivas ou negativas. O papel dos professores indígenas consiste em promover atividades culturais, através da Semana Cultural e oficinas de construção de artesanato, pinturas corporais, Dança do Turé, entre outras atividades que são incentivadas na escola e nos estudos de Língua Materna e Cultura Indígena.

Uma das novidades culturais promovida e ressignificada pela escola teve início em 2010, para marcar o dia “7 de Setembro”, data que, tradicionalmente, faz parte das comemorações do calendário escolar desde os tempos do SPI e Funai. Para esse momento, os professores repensaram o significado deste dia para nós povos indígenas, pois até então era comemorado como expressão patriótica, evento introduzido em nossa cultura há algumas décadas pelas políticas indigenistas do governo brasileiro. Ressignificada, essa comemoração passou a ser uma alternativa para promover a cultura, onde alunos, professores e comunidade se envolvem para realizar um “desfile”, de uma hora

aproximadamente, transmitindo mensagens importantes para o público. Essa mudança de comemoração procura, através de uma data histórica e tradicional no Brasil, manter viva na memória da comunidade, a riqueza e complexidade de nosso patrimônio cultural, valorizando a trajetória histórica de nossos antepassados Karipuna, que de forma árdua e persistente, deixaram de herança para o presente.

Fotografia 5: Cena fotográfica que registra a comemoração do “7 de Setembro ressignificado” na Aldeia Manga, em 07 de setembro de 2018



Fonte: Professor Dalson dos Santos, 07/09/2018

Segundo Manoel Antônio contou em entrevista para mim, realizada no dia 25 de novembro de 2018, o patrimônio cultural é muito importante para nós povos indígenas da Aldeia Manga, explicou que:

Pra mim o patrimônio imaterial e material é muito bom pra nós índios, pois imaterial é aquilo que nós ensinamos de pai para os nossos filhos, eles aprendem, vão passar para seus filhos. Eu entendo que tem que aprender primeiro a teoria e depois vai praticando como uma reza [potá], como fazer um paneiro, uma peneira e outros materiais que é da nossa cultura. Por isso que falo que é muito bom o patrimônio imaterial e material.

A “Semana do Índio”, outro evento de comemoração em nossa comunidade, também está sendo repensada. Da mesma forma que o “7 de Setembro”, o evento representa um momento singular para a valorização do patrimônio. Muitas de nossas manifestações culturais precisam ser valorizadas e ganhar espaço em nossa escola, na Educação Escolar Indígena, inaugurando um outro calendário escolar condizente com a nossa realidade, como preconiza a legislação nacional da Educação Escolar Indígena. Estas datas comemorativas nacionais precisam ser repensadas em nossas comunidades e ressignificadas. É o que estamos fazendo.

Considerações Finais

Na Aldeia Manga a tentativa de manter vivo o patrimônio cultural transmitido pelos antepassados Karipuna consiste em um desafio cotidiano para toda a comunidade. É preciso que todos se envolvam nessa perspectiva, que não deixem o comodismo e a impaciência vencerem, pois resultados para serem alcançados devem ser testados, mesmo que sejam frustrantes, senão futuramente restarão somente lembranças do passado.

A ideia de manter viva a cultura, ou seja, nosso patrimônio material e imaterial herdados de nossos antepassados, está presente no pensamento dos jovens. Percebo que muitos, na condição de alunos e/ou membros da comunidade se envolvem com maior frequência nas atividades e, inclusive, alguns já estão envolvidos no movimento indígena. Essas mudanças de comportamento dos jovens são e foram influenciadas pela consciência sobre o distanciamento que estávamos alimentando em relação ao patrimônio herdado e tão significativo dos antigos. O jovem passa a querer avançar nos conhecimentos de sua cultura, para servir e apoiar sua comunidade.

Compreendo que, na perspectiva de progredir e avançar no contexto da Educação Escolar Indígena, tivemos conquistas singulares em comparação ao passado recente, com a instituição das disciplinas Cultura Indígena e Língua Materna. A escola e os mais idosos, que são os mestres da cultura e dos ensinamentos sobre o nosso patrimônio, estão tendo um papel fundamental na vida da comunidade da Aldeia Manga. E todas as

reivindicações que os povos indígenas Karipuna e demais etnias do Amapá fazem por uma educação específica, diferenciada e de qualidade que envolva a cultura não será em vão. No mundo globalizado a promoção do conhecimento sobre cultura indígena é fundamental, desta forma, o ensino da cultura indígena e educação indígena está em nossas mãos, temos autonomia para decidir o que realmente queremos para o futuro de nossos filhos.

Enquanto professor pesquisador temos muito a contribuir com nossa comunidade, em nosso presente e futuro. Precisamos valorizar a nossa língua e as nossas histórias, em especial, revitalizar o patrimônio imaterial que faz parte de nossa identidade e cultura. Portanto, encerro com uma das imagens mais marcantes e que transmite uma mensagem singular. Na Fotografia 6 estão os jovens alunos sentados, participando da importante e tradicional Dança do Turé, prontos para dançar neste círculo que chamamos de “laku” – nosso espaço sagrado – estão os mestres e professores, personagens conhecidos como “jadan”. “Jadan” são as pessoas que fazem a segurança do “laku” e que ficam olhando se o dançarino, a dançarina ou outra pessoa não está fazendo algo de errado, desrespeitando as normas do pajé no “laku”.

Fotografia 6: Comemoração da Semana do “Dia do Índio” na Aldeia Manga



Foto: Dalson dos Santos, em 19 de abril de 2018.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas/RCNEEI**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CURRÍCULO ESCOLAR. **Currículo do Ensino Fundamental nas Escolas Indígena Karipuna e Galibi Marworno**. Associação dos Povos Indígenas de Oiapoque/APIO - Conselho Indigenista Missionário/CIMI, Oiapoque (AP), 2006.

GALLOIS, Dominique; FAJARDO, Denise G.. **Povos Indígenas do Amapá e Norte do Pará**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio, IEPÊ, 2009.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros em Ação**. As Leis e a Educação Escolar Indígena. Brasília, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

RICARDO, Carlos A. (Org.). **Povos Indígenas no Brasil**. Volume 3 Amapá/Norte do Pará. São Paulo: CEDI, 1983.

TASSINARI, Antonella M. I.. **Da civilização à tradição**: os projetos de escola entre os índios do Uaçá. In: SILVA, A. I.; FERREIRA, M. K.L. (Org.). Antropologia, História e Educação. São Paulo: PAPESP/MARI, 2001.

TASSINARI, Antonella M. I.. **No Bom da Festa**: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá. São Paulo: EDUSP, 2003.

VIDAL, Lux. **A Cobra Grande**: Uma Introdução a Cosmologia dos Povos Indígenas do Uaçá e Baixo Oiapoque-Amapá. 2 Ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009.

Fontes Orais

FREITAS, Francisco Jason Leal de. **Entrevista realizada em 19 de janeiro de 2011**, Aldeia Manga, por Nara Aniká, cedida para Dalson dos Santos em 2019.

SANTOS, Constância Monteiro dos. **Entrevista realizada dia 22 de janeiro de 2011**, Aldeia Manga, por Nara Aniká, cedida para Dalson dos Santos em 2019.

SANTOS, Manoel Antônio dos. **Entrevista realizada em 25 de novembro de 2018**, Aldeia Manga, por Dalson dos Santos.